

## **A TERCEIRA IDADE NA EJA: EXPECTATIVAS E MOTIVAÇÕES**

Isamara Grazielle Martins Coura  
Faculdade de Educação - UFMG

A realização deste trabalho visa compartilhar os resultados, até então obtidos, em uma pesquisa de mestrado, ainda em andamento. Tal pesquisa tem como objetivo procurar identificar os motivos que levam pessoas da terceira idade voltar a estudar, uma vez que são alfabetizadas, e que, provavelmente, não teriam como intenção a inserção, a volta ou a permanência no mercado de trabalho. Pretende-se ainda investigar quais são suas expectativas em relação à escolarização e em que medida estas vêm sendo atendidas.

O tema escolhido para a realização desta pesquisa vincula-se à minha experiência profissional com os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Projeto de Ensino Fundamental do Segundo Segmento (PROEF II) da Universidade Federal de Minas Gerais. Relaciona-se também a minhas outras experiências profissionais na área educacional, e com uma concepção de educação na qual a escola tem um papel social importante na vida do sujeito, proporcionando-lhe uma melhor qualidade de vida.

Percebe-se nas salas do PROEF II, assim como na grande maioria dos programas de Educação de Jovens e Adultos, uma heterogeneidade em relação aos alunos que participam deste curso. A diversidade se dá em relação ao gênero, a cor, a origem social, a cultura, a trajetória de vida e ainda no que tange à idade dos educandos. Independente das diferenças existentes entre estes sujeitos, eles chegam à escola com um projeto de vida, do qual a escola é parte integrante. É isso o que afirma Dayrell(1996):

Portanto, os alunos que chegam à escola são sujeitos sócio-culturais, com um saber, uma cultura, e também com um projeto, mais amplo ou mais restrito, mais ou menos consciente, mas sempre existente, fruto das experiências vivenciadas dentro de um campo de possibilidades de cada um. A escola é parte do projeto dos alunos.  
(Dayrell, 1996 p.144)

A escola vem representar, para estes sujeitos, a possibilidade de uma melhor qualidade de vida. Tal melhoria pode se dar no campo profissional, nas relações sociais e familiares, no desenvolvimento da posição do indivíduo enquanto cidadão e até mesmo na sua relação consigo mesmo. Muitas vezes, encontra-se entre estes alunos, os que buscam a escola como meio para alcançar melhores salários e melhores condições de vida. Entretanto, no meio destes sujeitos que têm sua presença nas salas de aula justificada pela crença na escola como instrumento para inserção ou permanência no mercado de trabalho, ou pela ascensão social, pode haver, exatamente devido ao caráter heterogêneo das salas de EJA, alunos que não se enquadram neste perfil. E é daí que surge minha questão para a pesquisa aqui apresentada.

O público alvo desta investigação científica são alunos do 2º segmento, correspondente ao que conhecemos como de 5ª a 8ª séries do ensino fundamental, que estudaram ou ainda estudam no PROEF II, e que estão na chamada terceira idade. Estes conhecem e interagem com o mundo através da leitura e da escrita e, provavelmente, não têm como objetivo escolarizar-se para entrar ou permanecer no mercado de trabalho. No entanto, vêm à escola em busca de algo. O que trariam estas pessoas à escola? O que esperam que a escola pode melhorar em sua vida? Quais as expectativas trazem consigo ao retornarem a um banco escolar? Em que medida a escolarização tem melhorado realmente sua vida? Que implicações a volta a escola traz em sua relação com a família e com o meio social que pertence?

Charlot (1996) afirma que o indivíduo só estudará se o ir à escola fizer sentido para ele, e que para compreender uma trajetória de escolarização se faz necessário procurar descobrir as relações que o indivíduo estabelece com a escola e com o saber. Portanto, é importante desvendar qual a concepção de escola que estes educandos possuem e qual significado a escola tem para eles. E a partir desta concepção de escola e deste significado, analisar em que medida a escola vem correspondendo à suas expectativas. Qual seria o modelo de escola mais adequado a atender essas expectativas?

Para a realização da pesquisa foi necessária uma combinação de instrumentos metodológicos que tem como elementos principais<sup>1</sup>: a análise de documentos escolares, entrevista semi-estruturada, observação dos sujeitos. As análises de documentos escolares possibilitaram identificar os possíveis alunos a serem entrevistados. Foi necessário, para tanto, pesquisar as fichas que continham os perfis dos alunos, como seu registro de matrícula e algumas informações registradas em cadernos de turma.

A pesquisa está sendo realizada com um total de sete alunos, sendo três homens e quatro mulheres. Dentre estes se encontram Elvira<sup>2</sup> (63 anos) e Claudina (82) que já concluíram o ensino fundamental no PROEF II; Isabel (74), Perpétua (68), Raimundo(70), Ivan (64) e Antônio (65), que na época da pesquisa, estavam cursando o PROEF II. Para a escolha dos sujeitos foi levado em consideração a idade (maiores de 60 anos), estar em diferentes períodos do curso, ou já tê-lo concluído, e no caso do Sr. Antônio, o fato de ser funcionário da UFMG, uma vez que o PROEF II, inicialmente, foi criado para atender exclusivamente funcionários da universidade que não tinham concluído seus estudos.

Através das entrevistas e das observações foi possível conhecer a trajetória de vida e o significado da escolarização para os sujeitos, e a partir de então, analisar quais as expectativas e motivações levam as pessoas da terceira idade voltar à escola. Cabe ressaltar que a obtenção dos resultados aqui apresentados se concretizam a partir das narrativas construídas pelos próprios sujeitos. Foi a partir

---

<sup>1</sup> Os instrumentos metodológicos citados aqui foram tidos como os principais utilizados para a realização da pesquisa, mas não foram os únicos meios de coleta de dados. Para obter maiores informações sobre os alunos, e assim escolher os entrevistados, foi necessário uma conversa inicial por telefone.

<sup>2</sup> Devo ressaltar que os nomes são fictícios com a intenção de preservar a identidade dos educandos.

dos relatos das histórias, das experiências e visões de mundo dos entrevistados que se pretendeu analisar o significado de escolarizar-se para quem está na terceira idade e em que a escola contribui para melhorar a qualidade de vida desses sujeitos.

Dentre os resultados obtidos na investigação que me propus a realizar, devo ressaltar o fato de que relatos referentes à falta de escolarização na infância, assim como na adolescência e na vida adulta, destoam dos vistos em algumas pesquisas similares com jovens e adultos. Aqui, os percalços escolares não são apresentados como sendo uma questão de incompetência, desinteresse ou preguiça, como ocorre em muitas pesquisas feitas com este perfil de educandos. Os sete sujeitos entrevistados se vêm como pessoas que foram privadas da **oportunidade** de estudar na “idade regular”. ZAGO (2000) apresenta em seu texto a posição mais comumente assumida pelos educandos quando questionados sobre o porquê de sua não escolarização na idade regular:

Longe de sentirem vítima, a posição freqüentemente assumida por aqueles que não obtiveram um certificado escolar é a de transferir para si mesmos a responsabilidade do fracasso escolar. Muito embora não poupem críticas à escola pública, ao avaliar sua própria situação, consideram-se os principais responsáveis pelo baixo nível escolar, e quanto aos resultados obtidos, os atribuem principalmente às características individuais como incompetência e desinteresse. (ZAGO2000,p.32)

Entretanto, os motivos que os levaram a ficar longe da escola até a terceira idade, não diferem muito dos educandos que freqüentam um curso de EJA em qualquer lugar do Brasil. Além da falta de escolas que vivenciaram enquanto crianças, o embate trabalho e família versus escola, perpassou pela vida destes sujeitos, sendo destacado por eles como um dos principais motivos que os levaram a escolarizar-se somente agora. Se enquanto crianças, houve obstáculos que impediram a concretização do desejo por uma escolarização que lhes garantisse pelo menos a conclusão do ginásio, como ter saído para trabalhar, ajudar a manter a casa ou cuidar dos irmãos; quando adultos não foi muito diferente. A idade avançou, mudaram de estado civil, de casa, até mesmo de trabalho, mas as dificuldades para se chegar a conquistar a escolarização continuavam a existir. As obrigações com a família e o trabalho não deixavam espaço e tempo para que chegassem a freqüentar uma escola. Isto pode ser interpretado a partir de trechos das entrevistas como por exemplo o citado abaixo:

Aí tirei carteira de motorista. Porque antigamente se você assinava o nome você podia tirar carteira. Então, aí não tive mais condições de estudar porque aí eu trabalhando de motorista, né. Motorista é sempre o primeiro que chega e o último que sai, então não deu para... e fui adquirindo família, né. Casei em 58, logo veio, vieram 12 filhos nesse casamento. Só com uma mulher só, pra você vê. (risos) (Sr. Raimundo)

Em seus relatos, apresentam várias das dificuldades que enfrentaram pela vida sem um saber escolar bem estruturado. Contam que as dificuldades vinham em

atividades típicas do cotidiano como preencher um cheque e na realização de tarefas do trabalho. No que diz respeito a questões do trabalho, o caso da senhora Elvira é o mais expressivo. Esta senhora, apenas com os ensinamentos do pai, aprendeu a escrever seu nome e ler as primeiras palavras. Sem nunca ter freqüentado uma escola, trabalhou em Centro de Terapia Intensiva (CTI) de dois grandes hospitais de Belo Horizonte. Elvira conta que as dificuldades existiam e que sempre contava com a ajuda da enfermeira superior e dos médicos para tirar suas dúvidas e exercer bem sua função.

Ainda em relação ao trabalho, os entrevistados, especialmente os homens, apontam que a falta de escolarização os privou de ter podido exercer outras profissões que lhes garantissem melhores salários e melhores condições de trabalho e de vida. O senhor Ivan, após ter passado por um transplante de rim e por uma cirurgia cardíaca, faz a seguinte reflexão que vai além de questões de ordem financeira:

Se eu tivesse... se tivesse mais estudo aí eu saía da obra, né. Procuraria uma coisa melhor. Apesar de que na construção civil eu criei minha família... Se eu tivesse mais conhecimento, trabalhava em um serviço mais leve. Talvez eu não tivesse esse tanto de doença que eu tive, né. Quer dizer, perdi os rins, depois tive uma hérnia de disco que eu tive que fazer cirurgia, eu fiz ponte de safena, depois da ponte de safena eu fiz mais 3 angioplastias. (Sr. Ivan)

A falta de escolarização gerava nestes entrevistados uma certa insegurança que acabava por afetar suas vidas em vários espaços. Perpétua, relatou dois momentos em que o saber escolar lhe fazia muita falta: um diz respeito às aulas de catecismo que ministrava na paróquia de seu bairro e o outro foi em uma viagem feita pela Europa que durou 22 dias. Perpétua afirma que nas aulas de catecismo, sentia-se muito insegura ao ter que escrever no quadro para as crianças. Já no caso da viagem, a falta do estudo, lhe privou de aproveitar mais o que estava vivendo. Contou que, até mesmo na hora do embarque, no avião, precisou de ajuda de um amigo para preencher um formulário. Ela disse que ao mesmo tempo em que o passeio pela Europa a alegrava, trazia uma frustração. Perpétua tem esta viagem como um dos motivos que a levou voltar à estudar:

Eu fiz uma viagem e essa viagem me deixou uma alegria muito grande e ao mesmo tempo frustrada. (...) Fui para Grécia, para a Espanha. Estive três dias na Espanha... Então nessa época eu falei assim: "Oh meu Deus, porque eu não sei um pouco mais?". Principalmente o inglês, né? Então, essas coisas todas deixam a gente muito frustrada, né? Então eu falei assim: "Eu não vou morrer sem estudar não". Foram vinte e dois dias lá na Europa. Maravilhoso pelo fato de eu estar passeando! Mas... tudo que o guia explicava eu prestava muita atenção, mas eu acho que o meu proveito seria muito maior se eu tivesse assim... mais um pouco de instrução, entendeu? (Srª Perpétua)

Ao relatar cada uma das dificuldades enfrentadas, os sujeitos pesquisados deixaram claro que estudar era mais do que uma necessidade, era um sonho que cultivaram durante vários anos de suas vidas. A senhora Isabel conta que chegou a

imaginar que seu sonho de estudar já tivesse chegado ao fim: “*Mas sempre lá dentro de mim eu tinha um sonho, sabe? E esse sonho foi passando. Até que um dia eu acreditei que tinha morrido esse sonho... mas só adormece*”. A realização deste sonho, para eles, só foi possível ao chegarem à terceira idade. Existem vários fatores que contribuiu para que possam, agora, freqüentar uma escola. Dentre estes motivos pode-se citar o fato de seis, dos sete entrevistados já estarem aposentados e com a família “criada”, sem que necessitem de maiores cuidados por parte deles e assim, terem tempo para os estudos. Além disso, colabora também o fato da maioria deles, estando acima de 65 anos, não pagarem mais passagens de ônibus para realizar o trajeto casa-escola.

A grande maioria dos sujeitos desta pesquisa apresentou como expectativa inicial de volta à escola o aprimoramento do saber escolar. Entretanto, no decorrer dos dias na escola, esta expectativa acabou se ampliando e dando coragem para voar mais alto e alcançar a realização de desejos que se encontravam no interior destes corações, mas que, com o receio de não chegar nunca a se realizar, não os expressavam. É o caso de Perpétua, que nutre o sonho de se tornar uma pedagoga, e de Elvira que mesmo tendo se aposentado como auxiliar de enfermagem, deseja fazer pelo menos um curso técnico na área que atuou, para se sentir mais completa e realizada. A volta à escola lhe dá mais coragem para persistir no sonho.

Além de ampliar seus olhares sobre os cursos que desejam, a escolarização lhes proporcionou alargar os horizontes frente a novos lugares e espaços que passaram a freqüentar. São vários os relatos que demonstram a felicidade proporcionada por visita a museus, teatros e outras cidades que antes da escola nunca tinham freqüentado:

Gente, eu já tive oportunidade de ir à São Paulo, de representar a minha turma, sabe? A minha turma ganhou e a gente foi. Fomos para São Paulo. Foi tão bom!Tão bom a gente representar! Tinha gente do Rio Grande do Sul, de São Paulo, do Rio de Janeiro e de Minas Gerais. Nós éramos os quatro mineiros. (D. Claudina)

A gente sai na boa. Vou em museu. Eu não ia em museu. Há quanto tempo que não ia em um museu?! Agora vou sempre no museu. Na praça da estação tem um museu muito bom, né. Eu nem sabia que tinha um museu lá na estação central. Não, não ia não. Outro dia nós fomos no teatro lá na Serra da Piedade. Você vê, é coisa que eu não freqüentava eu estou freqüentando agora. .(Sr. Ivan)

Quando questionados sobre a relação com a família após a volta à escola, todos disseram que houve uma maior proximidade com os familiares. Contam que a volta à escola foi apoiada por filhos, netos e noras e que todos os auxiliam de alguma forma. Alguns têm os netos ou filhos para auxiliar a pesquisar na internet, outros são os filhos que os levam ou buscam na escola. Além destes momentos, relatam que por estarem estudando têm outros assuntos para discutir com a família. Em alguns casos, como com Perpétua, por exemplo, a sua volta à escola encorajou

uma filha a voltar aos estudos. Demonstrem sentir-se orgulhosos por se verem como um incentivo para que outras pessoas se espelhem neles e também estudem.

No entanto, ainda em relação a família, o senhor Antônio e o senhor Raimundo relatam que suas esposas apresentam uma certa resistência ao fato deles estarem freqüentando uma escola neste período da vida. Os dois afirmam que a oposição delas é decorrente de ciúmes, e que não tem sido um fator de impedimento para que eles continuem estudando. No caso do senhor Antônio, ele afirma que tem incentivado sua esposa a voltar a estudar também, mas que ela ainda não foi por estar cuidando de um neto.

A escola tem promovido na vida destes sujeitos vários benefícios. Outro ponto que destacam como sendo uma transformação advinda de freqüentar uma instituição escolar é o fato de se sentirem mais desinibidos. Elvira, Isabel e Perpétua relatam exemplos de mudança de postura neste sentido após a volta à escola. Perpétua conta que se sente mais a vontade para ler em público e percebe que sua desenvoltura é outra nas reuniões de casais que participa em sua igreja. Já Elvira e Isabel afirmam que até mesmo em suas casas houve mudança de atitude :

Meu negócio era ficar só na cozinha, né. Servindo o pessoal, fazendo comida. E a minha filha vivia me cobrando isso: “Mãe, a senhora tem que sentar, participar das conversas dos colegas da gente. Porque que a senhora fica só na cozinha?”. Mas era vergonha. É vergonha porque meus filhos são preparados, né. Sabem conversar. Eu não sei. Eu vou lá vou fazer eles passar vergonha? Porque eu vou ter um palavriado assim, pobre e eles vão ficar envergonhado de mim. Então eu ficava mais afastadinha e saía, sabe? Despistava. Se bem que todos me conhecem bem, sabe como que eu sou, sabe que eu não tenho cultura mesmo. Então ninguém censurava não. Mas para o meu bem-estar. Hoje fico mais tranqüila, né. Tenho mais segurança, não fico tão tímida (D. Elvira)

Eu tinha muito acanhamento de participar assim, de uma, de uma conversa. Não junto com os meus filhos, porque pelo contrário, eu sempre cheguei perto deles e perguntava: “O que é isso? Que palavra é essa? Como é que escreve isso?”. Igual hoje, vai juntar uma turma aí, né. Tem professor disso, daquilo, daquilo outro e tal (colegas de trabalho de uma de suas filhas), e eu hoje não tenho acanhamento de sentar no meio deles. Então eu fiquei muito mais desinibida depois que eu comecei a estudar. E mesmo feliz, né. (D. Isabel)

O senhor Ivan também aponta para mudanças em seu modo de ser provocado pela escolarização: “*Eu toda vida fui mais fechado, sabe? Me abri mais, né. Eu sou muito ansioso e lá eu estou relaxando bastante. Eu mudei muito*”. No caso do senhor Raimundo, sua transformação melhorou até mesmo sua forma de se relacionar em casa:

Você vê que a gente, o cotidiano da gente muda, se você está no meio de pessoas mais... vamos dizer assim, mais civilizadas, né. Porque você está mexendo só com gente, até o tratamento em casa a gente muda. Porque as vezes você evita uma briga . As vezes você briga por causa de ignorância, as

vezes você evita uma briga, né. Porque você não vai mais ser ignorante igual a gente era. Porque a convivência com gente lá fora é diferente, né.  
(Sr Raimundo)

Através dos relatos dos entrevistados podemos perceber que a função social da escola foi muito além da expectativa inicial que eles tinham. Se antes pretendiam a volta à escola para aprimorar conhecimentos como a leitura e a escrita, se sonharam durante anos em freqüentar uma sala de aula para adquirir alguns conteúdos tipicamente escolares, hoje estão tendo mais do que isso. A escola vem lhes proporcionando conhecer e freqüentar novos espaços, estreitar laços familiares, estabelecer novas amizades e novas posturas frente à vida.

Se a escola poderia, para eles, ter significado quando mais jovens, uma forma de tentar outras profissões mais bem remuneradas ou trabalhos mais leves, hoje ela representa um espaço que transforma suas relações pessoais e sua relação consigo mesmo. Se sentem pessoas mais seguras, mais desinibidas e mais felizes. Percebe-se, em suas falas, a alegria de se verem como estudantes e os reflexos positivos em vários setores da vida de cada um promovidos pela iniciativa de voltar a estudar após 60 anos.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BERQUÓ, Elza. *Considerações sobre o envelhecimento da população do Brasil*. In: NERI, Anita L. e DEBERT, Guita G. (orgs.) *Velhice e Sociedade*. Campinas: São Paulo: Papyrus, 1999.

BOURDIEU, Pierre. *O capital social: notas provisórias*. In: NOGUEIRA, Maria Alice & CATANI, Afrânio (orgs.) *Escritos de educação*. Petrópolis, R.J: Vozes, 1998.

CHARLOT, B. *Relação com o saber e com a escola entre estudantes de periferia*. Cadernos de Pesquisa. nº97. maio/1996. p.47-63.

DAYRELL, Juarez. *A escola como espaço sócio-cultural*. In: DAYRELL, Juarez (org.). *Múltiplos olhares sobre a educação e cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996.

DEBERT, Guita g. *A antropolgia e os estudo social dos grupos e das categorias de idade*. In: BARROS, Myriam M.L. de (org.) *Velhice ou terceira idade? estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. 3ªed.

DOMINGUES, Jose Maurício. *Individualidade, identidade e socialbidade na modernidade*. In: *Sociologia e modernidade para entender a sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. p.19-48.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Conhecimento e cultura na escola: uma abordagem histórica. In: DAYRELL, Juarez (org.). Múltiplos olhares sobre a educação e cultura. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996.

FLICK, Uwe. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. (trad. Sandra Netz) Porto Alegre: Bookman, 2004. 2ª ed.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. 4ª ed.

FREIRE, Sueli A. *Envelhecimento bem sucedido e bem-estar psicológico*. In: NERI, Anita L. & FREIRE, Sueli A. (orgs). Campinas, SP: Papyrus, 2000. p.21-31.

LLOSA, Sandra; SIRVENT, María Teresa; TOUBES, Amanda; SANTOS, Hilda; BADANO, María del Rosario; HOMAR, Amalia. *La situación de la Educación de Jóvenes y Adultos en la Argentina*. In: CD-Room 23ª Reunião Anual da Anped, Caxambu: MG, 2000

MAZZOTTI, Alda J. & GEWANDSNAJDER, Fernando. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativas e qualitativas*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002

MOTTA, Alda Britto da. *“Não tá morto quem peleia”: a pedagogia inesperada nos grupos de idosos*. Salvador- Bahia (tese de doutorado). UFBA, 1999

\_\_\_\_\_. *Chegando pra idade*. In: BARROS, Myriam M.L. de (org.) *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. 3ª ed.

NERI, Anita L. e CACHIONI, Meire. *Velhice bem sucedida e educação*. In: NERI, Anita L. e DEBERT, Guita G. (orgs.) *Velhice e Sociedade*. Campinas: São Paulo: Papyrus, 1999.

NOGUEIRA, Vera Lúcia. *Educação de Jovens e Adultos e gênero: um diálogo imprescindível à elaboração de políticas educacionais destinadas às mulheres das camadas populares*. In: SOARES, Leôncio J.G. (org.) *Aprendendo com a diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. *Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem*. Trabalho apresentado na XXII Reunião anual da ANPEd, CAXAMBU, setembro de 1999. In: *Revista Brasileira de Educação*. Set/Out/Nov/Dez. 1999 Nº 12.

PEIXOTO, Clarice. *Entre estigmas e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade*. In: BARROS, Myriam M.L. de (org.) *Velhice ou*



*terceira idade? estudos antropológicos sobre identidade, memória e política.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. 3ªed.

PENTEADO, J. Arruda. *A educação formal para a Terceira Idade. In: Integração , Ensino, pesquisa e extensão*. Centro de Pesquisa da Universidade São Judas Tadeu, nº 21, ano VI: Maio/2000.

PETRUS Antoni, ROMANS Mercè e Jaume TRILLA. *Profissão: Educador social*. Porto Alegre: Atmed, 2003.

RIBEIRO, Simone França. *Educação e cidadania: o voto das pessoas analfabetas*. Belo Horizonte (Dissertação de Mestrado) : Faculdade de Educação: UFMG. 2003.

SANTOS, Giovania Lúcia dos. *Educação ainda que tardia: A exclusão da escola e a reinserção em um programa de educação de jovens e adultos entre adultos das camadas populares*. Belo Horizonte (Dissertação de Mestrado): Faculdade de Educação: UFMG. 2001.

SINGER, Paul. *Poder, política e educação*. Texto de abertura da XVIII Reunião Anual da ANPEd, Caxambu, Outubro de 1995. In: *Revista Brasileira de Educação*. Jan./Fev./Mar./Ab./ 1996, Nº 1.

TEXEIRA, Maria Luiza C. *A lição do amadurecer: leitores numa Escola de Terceira Idade*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais.

ZAIA, Brandão. Entre questionários e entrevistas. In: NOGUEIRA, Maria Alice & ROMANELLI, Geraldo & ZAGO, Nadir. *Família e escola : trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. Petrópolis, R.J.: Vozes, 2000.

ZAGO, Nadir. *Processos de escolarização nos meios populares: As contradições da obrigatoriedade escolar*. In: NOGUEIRA, Maria Alice & ROMANELLI, Geraldo & ZAGO, Nadir. *Família e escola : trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. Petrópolis, R.J.: Vozes, 2000.